

APROVAÇÃO

José Antonio Santos de Oliveira¹

Era janeiro de dois mil e vinte um. José João da Silva Santos – de CPF 000.000.000.01, morador da Zona da Mata Alagoana – fazia pela primeira vez o Exame Nacional do Ensino Médio. Ansioso, como qualquer outro jovem de sua idade, dormiu sem pregar as pálpebras, já que guardava entre as retinas o café tomado durante o jantar.

Sentia uma vontade louca de passar na prova, embora nem soubesse exatamente o porquê. Alguns professores – poucos na verdade – convenceram-no de que era algo bom e isso bastava para que José comprasse a ideia e sonhasse em entrar na faculdade. O depois? Não pensava. Era cedo demais. Almejava passar e talvez orgulhasse a família. O problema mesmo estava no fato de que a família do rapaz fazia pouco caso do interesse do jovem: “ele é homem e precisa trabalhar, faculdade deve ser palco para balbúrdias. Só tem maconheiro, vagabundo e gente safada”. Pensavam.

Ao olhar a prova, começou a estranhar: para ele estava toda em língua estrangeira, porém ele só tinha marcado espanhol nas primeiras questões. Devia ser engano, quem dera. Não adiantou colocar um idioma mais próximo do português. Afinal, assim como José, seus concorrentes saem do ensino médio sem saber decifrar a última flor de lácio. Né Olavo? A língua portuguesa é coisa do satanás. Dizem até que é a Bíblia dele. “Com base nos seus conhecimentos construídos ao longo de sua formação, redija um texto dissertativo-argumentativo em Língua Portuguesa”. Putaria! Que conhecimento José recebeu nas aulas online? As três aulas perdidas no ano e as leituras de alguns livros avulsos formavam o seu dicionário para interpretar aquele idioma desconhecido, românico. Suou frio, rascunhou a prova, olhou sem graça para a aplicadora do exame, quando cogitou verter de si uma intempestiva lágrima. Era tarde demais e a prova não focava nos dilemas existenciais que podiam se originar naquele sujeito ignorante. Era preciso ter pressa. O tempo – deus tempo – obrigava-o a prosseguir em sua jornada.

Pensou em citar Freud para falar sobre a loucura, mas só conhecia a frase de Zé Ramalho, o que conferiria infelizmente fuga do tema. Hesitou por alguns instantes, quando veio à memória um surto sofrido pela sua mãe durante a pandemia. Quis colocar o ocorrido como elemento de autoridade, um exemplo profícuo de transtornos mentais graves e as razões pelas

¹ Graduado em Letras pela Universidade Estadual de Alagoas (UNEAL).

quais elas nascem. Pimba! José, inspirado pelo médico de sua mãe, dissertou quase tudo em forma de receita hospitalar. Era sua chance de caprichar, de mostrar o seu valor, de inovar com argumentos precisos e claros – relatos de experiência são sempre impactantes.

José gastou tanto tempo à procura das melhores palavras do seu vocabulário escasso, que perdeu tempo em resolver as questões de ciências humanas. Ele chutava melhor que o Neymar e, por outro lado, estava garantido: tiraria uns 800.00 na redação do Enem. “O homem é utópico”, de acordo com sei lá quem. Nem sempre a memória recobra os autores – é normal, faz parte do processo.

O outono chegava e com ele a queda das folhas, o descer dos frutos e o resultado das notas, concedendo a José a feliz aprovação no curso superior – modalidade integral – do Corte de cana, na Universidade Federal das Usinas Alagoanas.